



Maria Izabel Machado
(Organizadora)

Diálogo Conceitual e Metodológico das Ciências Sociais Aplicadas com outras Áreas do Conhecimento

Atena
Editora
Ano 2020



Maria Izabel Machado
(Organizadora)

Diálogo Conceitual e Metodológico das Ciências Sociais Aplicadas com outras Áreas do Conhecimento

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D536	<p>Diálogo conceitual e metodológico das ciências sociais aplicadas com outras áreas do conhecimento 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-99-7 DOI 10.22533/at.ed.997201504</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Machado, Maria Izabel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 302.072</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *Diálogo Conceitual e Metodológico das Ciências Sociais Aplicadas com outras Áreas do Conhecimento* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, razão pela qual os capítulos que seguem estão organizados por afinidade temática e/ou metodológica.

Do uso de softwares para inclusão, passando pelo design de cidades e ambientes, o que se destaca nos dois volumes aqui apresentados são as imbricações entre áreas de conhecimento com vistas a tornar a vida viável.

Diversos em suas metodologias e métricas áreas como economia, administração, arquitetura, geografia, biblioteconomia, entre outras, confluem na preocupação com necessidade de compreender o mundo, superar seus desafios e propor caminhos que apontem para a o uso sustentável do solo, o direito à cidade, o acesso ao conhecimento.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A NATUREZA JURÍDICA DA DECISÃO QUE JULGA PROCEDENTE A AÇÃO DE FALÊNCIA	
Daniel Gomes de Oliveira Guerreiro Celina Rizzo Takeyama	
DOI 10.22533/at.ed.9972015041	
CAPÍTULO 2	15
AS FACÇÕES CRIMINOSAS NO SISTEMA PENITENCIÁRIO BRASILEIRO	
Camila Virissimo Rodrigues da Silva Moreira Lorenzo Pazini Scipioni	
DOI 10.22533/at.ed.9972015042	
CAPÍTULO 3	28
COMUNICAÇÃO INTERNA: ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DA ÁREA DA SAÚDE	
Marcia Dayana Fernandes Cláudia Marcele de Campos Flávio Bortolozzi Keyla Christina Almeida Portela Alexandre José Schumacher	
DOI 10.22533/at.ed.9972015043	
CAPÍTULO 4	40
CIDADE, ARTE E ARQUITETURA: ESPAÇO FÍSICO, ESPAÇO VIVENCIADO	
Marlise Paim Braga Noebauer David Merkle	
DOI 10.22533/at.ed.9972015044	
CAPÍTULO 5	58
CASAS INTELIGENTES: NOVO OLHAR SOBRE O CONCEITO DE MORAR	
Luiza Moraes Cosso Flávia Jacqueline Miranda Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.9972015045	
CAPÍTULO 6	69
AUTOMAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA: A EXPERIÊNCIA COM O SOFTWARE SGBIBLIOTECA	
Anderson Francisco de Souza Almeida Cristiana Guerra Matos	
DOI 10.22533/at.ed.9972015046	
CAPÍTULO 7	73
ACESSO À INFORMAÇÃO ACADÊMICA ATRAVÉS DA IMPLEMENTAÇÃO DE TECNOLOGIAS ASSISTIVAS: INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS	
Leticia Priscila Azevedo de Sousa Glaucilene Mariano Sales	

Marília Santos Macedo

DOI 10.22533/at.ed.9972015047

CAPÍTULO 8 77

ESTUDO SOBRE EFEITOS DO FENÔMENO DE UNDERPRICING EM OFERTAS PÚBLICAS INICIAIS NO BRASIL NO PERÍODO DE 2010 A 2016

Bruna Pascualin Tonon

DOI 10.22533/at.ed.9972015048

CAPÍTULO 9 89

INFORMAÇÃO PÚBLICA E INFORMAÇÃO CORPORATIVA: UMA REFLEXÃO SOBRE A TRANSPARÊNCIA DOS ALGORITMOS PREDITIVOS NAS CIDADES INTELIGENTES

Suzana Mayumi Iha Chardulo

Francisco Carlos Paletta

DOI 10.22533/at.ed.9972015049

CAPÍTULO 10 95

MITOLOGEMAS E INCLUSÃO SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FRENTE ÀS BARREIRAS HISTÓRICO-CULTURAIS

André Felipe Mautoni Monsores

Edneusa Lima Silva

DOI 10.22533/at.ed.99720150410

CAPÍTULO 11 106

PERCEPÇÃO DOS CONTROLLERS SOBRE A UTILIDADE DE SEUS SISTEMAS DE INFORMAÇÕES PARA A CONSOLIDAÇÃO DA INTELIGENCIA COMPETITIVA DAS ORGANIZAÇÕES

Percival Queiroz

Josemar Ribeiro de Oliveira

Sofia Inês Niveiros

DOI 10.22533/at.ed.99720150411

CAPÍTULO 12 124

UM ESTUDO SOBRE O NÚCLEO HISTÓRICO URBANO DE JUIZ DE FORA: CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Gabriela Cruz Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.99720150412

CAPÍTULO 13 136

TECNOLOGIA INCLUSIVA EM BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: UMA PROPOSTA DE USO

Glaucilene Mariano Sales

Letícia Priscila Azevedo de Sousa

Marília Santos Macedo

DOI 10.22533/at.ed.99720150413

CAPÍTULO 14	139
PROMOÇÃO DA ACESSIBILIDADE POR MEIO DA IDENTIFICAÇÃO BRAILLE DO ACERVO DE BIBLIOTECAS NO IFAM: AGENDA 2030 COMO DOCUMENTO NORTEADOR	
Layde Dayelle dos Santos Queiroz Priscila Pessoa Simoes	
DOI 10.22533/at.ed.99720150414	
CAPÍTULO 15	148
PROJETO PERSONA: CONHECER PARA APRENDER A APRENDER	
Cicero Eduardo de Sousa Walter Rafael Ângelo dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.99720150415	
CAPÍTULO 16	160
PROCURANDO POR INOVAÇÃO? QUE TAL USAR UMA FERRAMENTA GRATUITA PARA PROCURAR EM 110 MILHÕES DE PATENTES?	
Arnaldo Di Petta Renato Ribeiro Nogueira Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.99720150416	
CAPÍTULO 17	180
OS DESAFIOS E DILEMAS ENFRENTADOS PELA BIBLIOTECA EUGÊNIO GUDIN_CCJE_UFRJ PARA ADEQUAR O ACERVO AOS NOVOS USUÁRIOS INGRESSANTES COM DEFICIÊNCIA VISUA	
Priscila Gonçalves Soares Josiane Silva de Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.99720150417	
CAPÍTULO 18	188
O MERCADO CONSUMIDOR E O DESCARTE DE CELULARES: UM ESTUDO SOBRE O IMPACTO DO CONSUMO DE “IPHONES” E OS SEUS EFEITOS NA LOGÍSTICA REVERSA DE PÓS-CONSUMO DA APPLE	
Anna Paula Alves Panetta	
DOI 10.22533/at.ed.99720150418	
CAPÍTULO 19	202
O PAPEL DA BIBLIOTECA PÚBLICA E A LEITURA EM REGIÃO DE POBREZA: UM ESTUDO DE CASO NA BIBLIOTECA PÚBLICA DE FUNDÃO	
Gabriela de Oliveira Gobbi	
DOI 10.22533/at.ed.99720150419	
CAPÍTULO 20	213
O BIM NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS DESIGNERS PARA AMBIENTES E AS PERSPECTIVAS PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL	
Edgardo Moreira Neto Thais Mendes Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.99720150420	
SOBRE A ORGANIZADORA	229
ÍNDICE REMISSIVO	230

ESTUDO SOBRE EFEITOS DO FENÔMENO DE UNDERPRICING EM OFERTAS PÚBLICAS INICIAIS NO BRASIL NO PERÍODO DE 2010 A 2016

Data de aceite: 01/04/2020

Data de submissão: 28/12/2019

Bruna Pascualin Tonon

Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo – SP

<http://lattes.cnpq.br/6856825248867825>

RESUMO: Com o objetivo de contribuir para o debate e pesquisas envolvendo o fenômeno do *underpricing* nas Ofertas Públicas Iniciais no Brasil, este artigo analisou 38 empresas que abriram seu capital no período de Janeiro de 2010 a Dezembro de 2016, na B3. Procurou-se verificar a ocorrência ou não do fenômeno por meio da comparação entre a média do retorno das ações em seu 1º, 7º e 30º dia de negociação, com a média do retorno do mercado nos dias respectivos à negociação da ação. São abordadas algumas teorias que buscam explicar os motivos pelo qual pode existir um deságio no preço das ações, entre elas: assimetria informacional, teoria da sinalização, teoria da agência, teoria de controle e vieses comportamentais. O presente estudo expõe as teorias supracitadas, mas não estabelece alinhamento entre essas, e os resultados obtidos. Os resultados confirmaram a existência do fenômeno do *underpricing* nas Ofertas Públicas Iniciais estudadas, onde a

média dos retornos das ações no seu primeiro dia de negociação foi de 1,02%, enquanto o retorno do mercado foi de -0,25%, para o 7º e 30º dia de negociação, a média dos retornos também foi positiva. Ressalta-se a importância da pesquisa sobre as empresas de capital aberto para uma maior eficiência do mercado financeiro brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: IPO, *underpricing*, mercado de capitais no Brasil

A STUDY ABOUT THE EFFECTS OF THE UNDERPRICING PHENOMENON ON INITIAL PUBLIC OFFERINGS IN BRAZIL FROM 2010 TO 2016

ABSTRACT: In order to contribute to the debate and research about the underpricing phenomenon in Initial Public Offerings in Brazil, this article analyzed 38 companies that opened their capital from January 2010 to December 2016, at B3. It was sought to verify the occurrence or not of the phenomenon by comparing the average return of the shares on its 1st, 7th and 30th trading days, with the average market return on the respective trading days. Along the article some theories that seek to explain the underpricing phenomenon were discussed, among them: informational asymmetry, signaling theory, agency theory,

control theory, and behavioral biases. The present study exposes the aforementioned theories, but does not establish link between them, and the results obtained. The results confirmed the occurrence of the underpricing phenomenon in the Initial Public Offerings under study, the average return on the shares on its first trading day was 1.02%, while the market return was -0.25%. For the 7th and 30th trading days, the average return was also positive. It's necessary to emphasize the importance of research on listed companies, in order to provide higher efficiency of the Brazilian financial market.

KEYWORDS: IPO, underpricing, Brazilian capital market.

1 | INTRODUÇÃO

As organizações, com o objetivo de realizar investimentos internos que impulsionem seu crescimento e expansão, podem utilizar a abertura de capital como forma de financiamento. Esse processo é usualmente conhecido como IPO (*Initial Public Offering*), em português, Oferta Inicial de Ações.

Diversos estudos (Stoll & Curley, 1970; Logue, 1973; Ibbotson, 1975; Baron, 1982; Beatty & Ritter, 1986; Rock, 1986; Welch, 1989; Allen & Faulhaber, 1989; Ljungqvist, 2007; dentre outros) documentaram que quando as empresas abrem suas ações ao público, o valor de lançamento das ações tende a estar abaixo do seu valor de mercado, esse fenômeno é conhecido como *underpricing*. De forma geral, *underpricing* é quando o valor de lançamento das ações é subavaliado, ocasionando num retorno médio positivo no primeiro dia de negociação.

A busca pela explicação do fenômeno *underpricing* levou ao desenvolvimento de diversos modelos teóricos que procuram entender o fato de empresas listadas pela primeira vez e seus sócios, voluntariamente, venderem as ações a um preço abaixo do valor de mercado. As hipóteses que foram formuladas buscando entender o fenômeno, geralmente são relacionadas à assimetria de informações, teorias institucionais, teoria da agência e vieses comportamentais.

A fim de acrescer à base teórica de conhecimento acadêmico sobre o fenômeno de *underpricing* nas ofertas públicas iniciais, esse estudo busca a resposta do seguinte questionamento: O retorno das ofertas públicas iniciais no Brasil é explicado pelo fenômeno de *underpricing*?

A justificativa do estudo dos IPOs centraliza-se na relevância que o mercado de capitais adquiriu como fonte de financiamento da atividade econômica. A análise e discussão sobre IPOs e fenômenos característicos, como *underpricing*, tem grande proveito principalmente para empresários e investidores interessados em entender os impactos e retornos esperados de empresas que decidem abrir seu capital.

Este estudo tem como objetivo geral investigar se houve a ocorrência do fenômeno de *underpricing* nas ofertas públicas iniciais de ações na B3, no período

de 2010 a 2016. Desse modo, os objetivos específicos são: (a) observar os IPOs efetuados no período entre 2010 e 2016 na B3; (b) analisar o comportamento de retorno das ações; (c) identificar a ocorrência de *underpricing*.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Mercado Financeiro

O mercado financeiro é composto pelo mercado monetário, de crédito, cambial e de capitais. O mercado monetário diz respeito as operações de curto e curtíssimo prazo e é estruturado visando o controle da liquidez da economia e das taxas de juros. O mercado de crédito tem por finalidade suprir as necessidades de financiamento, de curto e médio prazo, por meio de crédito para consumo e empréstimos para as empresas. O mercado cambial atua em operações, a vista e curto prazo, de conversão de moedas. O mercado de capitais realiza operações de financiamentos de médio a longo prazo para suprir as necessidades de capital de giro e capital fixo das empresas. Também pode realizar operações de prazo indeterminado, como emissão e subscrição de ações. É constituído por bolsas de valores, corretoras, instituições componentes do sistema de poupança e empréstimo e outras instituições auxiliares. No entanto, a maior parte dos negócios podem ser feitos diretamente entre poupador e tomador, podendo as instituições financeiras atuarem como órgão facilitador na realização dos negócios (NETO, 2015).

Assaf Neto (2015) destaca a importância do mercado de capitais no processo de desenvolvimento econômico em um país, devido sua função básica de “promover a riqueza nacional por meio da participação da poupança de cada agente econômico” (NETO, 2015, p.219). Santos (2005, p. 198), afirma:

A análise do processo de modernização dos mercados financeiros e de capitais no período de quarenta anos que se situa desde a criação do Banco Central do Brasil em 1964 até o final de 2004 evidencia, de forma clara, que existe uma correlação direta entre o desenvolvimento financeiro e crescimento econômico.

3 | IPO (*INITIAL PUBLIC OFFERING*) – OFERTA PÚBLICA DE AÇÕES

De acordo com Assaf Neto (2015, p. 220), a Oferta Pública de Ações, usualmente conhecida como IPO (*Initial Public Offering*), é:

[...] a colocação, junto aos investidores de mercado, de uma certa quantidade de valores mobiliários de uma sociedade emissora (companhia aberta). Instituições financeiras participantes do mercado primário adquirem o lote (ou parte dele) de ações emitidas com o objetivo de renegociar os papéis no mercado secundário (bolsa de valores).

De acordo com o BM&FBOVESPA (2011) as razões para uma empresa abrir seu capital são: (i) obter capital para financiamento de projetos; (ii) utilizar as ações da empresa como moeda para aquisição de outras empresas; (iii) criar referencial de avaliação da empresa; (iv) profissionalização e mudanças do quadro funcional; (v) oferecer liquidez para sócios; (vi) melhorar a imagem da empresa e (vii) ganhar visibilidade.

Dentre as teorias sobre a decisão de abrir capital, Zingales (1995) constatou que uma empresa se torna mais visível para possíveis *takeovers* e aquisições quando é uma empresa de capital aberto. Para Pagano, Panetta e Zingales (1998), as empresas optam por abrir seu capital devido a obtenção de recursos financeiros a custo baixo.

Em diversos autores, Ritter (1984), Lucas e McDonald (1990), Schultz (2003), Bouis (2009), é observado a teoria do *market timing* como fator motivador para a abertura de capital. A teoria indica que os empresários optam por realizar o lançamento das ações em momentos favoráveis do mercado, quando este se encontra “aquecido”. Conforme os estudos dos autores supracitados, o momento do lançamento das ações tem um impacto significativo na avaliação, divulgação de informações e no sucesso, ou não, da abertura de capital de uma empresa.

A decisão de abrir o capital pode ser um dos eventos mais importantes na história de uma empresa, por esse motivo, é importante definir qual será a equipe que trabalhará no IPO, são esses: Conselho da Administração e Diretoria, assessores jurídicos da Companhia, auditores, intermediários financeiros (*underwriters* ou *bookrunners*), assessores jurídicos dos *underwriters*, peritos e laudos. (BM&FBOVESPA, 2011)

Uma das etapas mais importantes do processo de abertura de capital por emissões de ações é a definição do preço, volume e outras características das ações a serem ofertadas. É definido o montante a ser captado, o tipo de ação a ser emitida, ordinárias e/ou preferenciais e, por fim, a quantidade de ações e o preço unitário. Entre os métodos de avaliação de empresas, os mais utilizados são o método do fluxo de caixa descontado (FCD) e método por múltiplos de mercado (CASAGRANDE NETO, SOUZA e ROSSI, 2000).

A avaliação da empresa pelo método do Fluxo de Caixa Descontado baseia-se na teoria de que o valor de uma empresa pode ser estimado por meio de projeções de fluxo de caixa de infinitos períodos, descontados para um valor presente, por uma taxa de desconto apropriada que reflita os riscos referentes aos fluxos estimados. (MARTELANC, PASIN, CAVALCANTE, 2006, p. 11)

O método por múltiplos compara os indicadores da empresa com outras companhias já negociadas em bolsa, os principais indicadores são: índice preço/lucro, índice preço/fluxo de caixa descontado, relação preço/valor patrimonial da ação, índice de retorno sobre o patrimônio líquido, relação preço/dividendo, relação

valor da firma/EBITDA. (CASAGRANDE NETO, SOUZA e ROSSI, 2000, p.63)

3.2 O fenômeno *underpricing*

O fenômeno *underpricing* ocorre quando o preço para venda das ações é estipulado abaixo do seu valor de mercado, havendo um deságio no preço de emissão. De acordo com Leal e Saito (2003, p.8):

O deságio inicial das emissões de ações para abertura de capital é elevado no Brasil. Este deságio, conhecido como *underpricing* na literatura internacional sobre emissões de ações, é a diferença percentual entre o preço de oferta e cotações posteriores no mercado secundário [...].

Os primeiros trabalhos a indicarem a existência do fenômeno do *underpricing* foram Stoll e Curley (1970), Logue (1973) e Ibbotson (1975).

Stoll e Curley (1970) ao estudarem 643 IPOs realizados nos anos 1957, 1959 e 1963, nos EUA, evidenciaram que os retornos das ações no curto prazo foram positivos e superiores ao índice de mercado (Standard and Poor's), já os retornos de longo prazo mostraram-se inferiores em comparação ao mercado. Resultados similares foram encontrados nos estudos de Logue (1973), com 250 IPOs realizados no período de 1965 a 1969. Ibbotson (1975), em uma amostra de 120 IPOs realizados durante 1960 a 1969, mensurou que os retornos iniciais dessas ações foram altamente positivos.

Explicações para o fenômeno *underpricing* passou a ser objeto de estudo de diversos autores. No estudo supracitado, Ibbotson (1975), sugere que a influência dos *underwriters* é decisiva para o deságio na precificação das ações, pois desta forma, os investidores seriam favorecidos e a imagem dos *underwriters* seria positiva para futuros IPO's. "*If underpriced new issues 'leave a good taste in investors' mouths' so that future underwritings from the same issuer could be sold at attractive prices.*" (IBBOTSON, 1975, p. 265)

Baron (1982) assume que o fenômeno *underpricing* está associado com uma assimetria de informações entre a empresa emitente e o *underwriter*. Ele afirma que o *underwriter* têm mais informação sobre a demanda do mercado e o *underpricing* seria uma compensação por essas informações. "*The issuer must compensate the banker for the use of his information, so the banker shares in the gains from his superior information.*" (BARON, 1982 p.975)

Sobre a assimetria de informações entre o emitente e o *underwriter*, Minardi, Moita e Plantier (2011), concluem:

Portanto, o *underpricing* também pode ser visto como moeda de troca entre empresa emissora e banco de investimento. A empresa aceitaria uma espécie de desconto sobre o valor "justo" do seu capital para favorecer o banco de investimento e garantir a colocação da sua oferta.

Beatty e Ritter (1986), num estudo com 1028 IPOs americanos no período de 1977 e 1982, apontaram que os *underwriters* exercem influência no *underpricing*. O *underwriter* deve precificar as ações de forma a agradar a empresa emissora e os futuros investidores. Segundos os autores, se o banco coordenador subprecificar as ações, ele tende a perder clientes, diminuindo seu *marketshare* (MINARDI, MOITE e PLANTIER, 2011).

Rock (1986) introduziu o termo “*winner’s curse*” ou “maldição do vencedor”. O autor desenvolveu um modelo teórico que assume assimetria de informação entre as classes de investidores. Segundo o autor, os investidores podem ser agrupados em: investidores perfeitamente informados e investidores não informados, sobre o valor das ações a serem ofertadas e as expectativas no mercado futuro. Se as novas ações, compradas pelos investidores “não informados”, são vistas pelos “informados” como atrativas, os investidores “informados” terão a intenção de comprar as ações e essas passarão a ser negociados no mercado secundário com valor superior ao de lançamento, caracterizando o *underpricing*. O chamado *winner’s curse* ocorre quando os investidores “informados” não apresentam interesse pelas ações emitidas e então, no primeiro dia de negociações o valor da ação é desvalorizada (DA SILVA, FAMÁ, 2011).

A teoria da sinalização ou “*signaling theory*” é discutida pelos autores Welch (1989), Allen e Faulhaber (1989) e Grinblatt e Hwang (1989). A teoria indica que o *underpricing* na oferta primária de ações serviria para mostrar aos investidores o real valor da empresa. Isso ocorreria, pois, a empresa emissora visa, futuramente, realizar lançamento de novas ações, e desta forma, os investidores sabendo o real valor das ações da empresa estariam dispostos a pagar preços mais altos do que normalmente pagariam.

No contexto da abordagem de custo de agência, modelos propostos pelos autores Brennan e Franks (1997) e Stoughton e Zechner (1998) estabelecem as teorias de controle para explicar o fenômeno do *underpricing*. Para Brennan e Franks (1997), o *underpricing* pode ser visto como instrumento para os gerentes alocarem as ações estrategicamente a fim de evitar o acompanhamento por acionistas majoritários, e assim proteger seus benefícios. Em oposição à Brennan e Franks (1997), Stoughton e Zechner (1998) sugerem que o *underpricing* pode ser usado para alocar uma maior quantidade de ações em um grande investidor externo que seja capaz de monitorar ações gerenciais, reduzindo assim, custos de agência.

As teorias comportamentais são as mais recentes e ainda pouco estudadas. As teorias assumem que investidores “irracionais” inflam o preço das ações além do seu valor real, ou que a empresa emissora é submetida a um viés comportamental e não consegue fazer com que os *underwriters* diminuam o *underpricing* das ações.

4 | METODOLOGIA

Esse estudo possui caráter exploratório e descritivo, e utiliza o método quantitativo. Sobre a abordagem quantitativa, Richardson (1999, p.70), afirma:

Caracteriza-se pelo emprego de quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc.

O método baseou-se no cálculo da média dos retornos das ações das empresas que realizaram Oferta Pública de Ações, na B3, no período analisado e comparando-as com a média do retorno do mercado, utilizando como *benchmark* o índice Ibovespa. A metodologia baseia-se no estudo de Stoll e Curley (1970) que comparou os retornos das ações das empresas que realizaram IPO entre 1957 e 1963 com o índice de mercado Standard and Poor's.

O índice Ibovespa foi escolhido para representar o retorno do mercado por ser o principal indicador de desempenho das ações negociadas na B3. É resultado de uma carteira teórica de ativos, formado pelas ações e *units* com maior volume negociado.

A amostra do presente estudo é composta pelas 38 empresas que realizaram Oferta Pública de Ações no período de Janeiro de 2010 a Dezembro de 2016 na B3. Foram analisados os retornos das ações em seu 1º, 7º e 30º dia de negociação. Os preços de subscrição e fechamento das ações, assim como os valores de fechamento do Ibovespa, foram obtidos no banco de dados Economática e Bloomberg.

Para o cálculo do retorno foi utilizado a fórmula:

$$r_t = \left(\frac{P_t - P_{t-1}}{P_{t-1}} \right)$$

Em que:

r_t = Retorno

P_t = Preço de fechamento do dia (1º, 7º, 30º) de negociação.

P_{t-1} = Preço de subscrição

Para o cálculo do retorno do índice Ibovespa, foi utilizado o valor de fechamento do dia da subscrição da ação da empresa e o valor de fechamento referente ao 1º, 7º e 30º dia de negociação da ação.

Neste estudo, as hipóteses testadas foram definidas como:

$$H_0: \bar{x}_r - \bar{x}_{IBOV} = 0$$

$$H_1: \bar{x}_r - \bar{x}_{IBOV} \neq 0$$

Hipótese nula (H_0) = média dos retornos das ações no primeiro dia de negociação menos a média dos retornos do Ibovespa é igual a zero.

Hipótese alternativa (H_1) = média dos retornos das ações menos a média dos retornos do Ibovespa é diferente de zero.

5 | RESULTADO E DISCUSSÃO

A figura 1 demonstra o retorno médio das ações das empresas, que realizaram IPO no período de 2010 a 2016 na B3, comparadas com o retorno médio do índice Ibovespa para o 1º, 7º e 30º dia de negociação das ações.

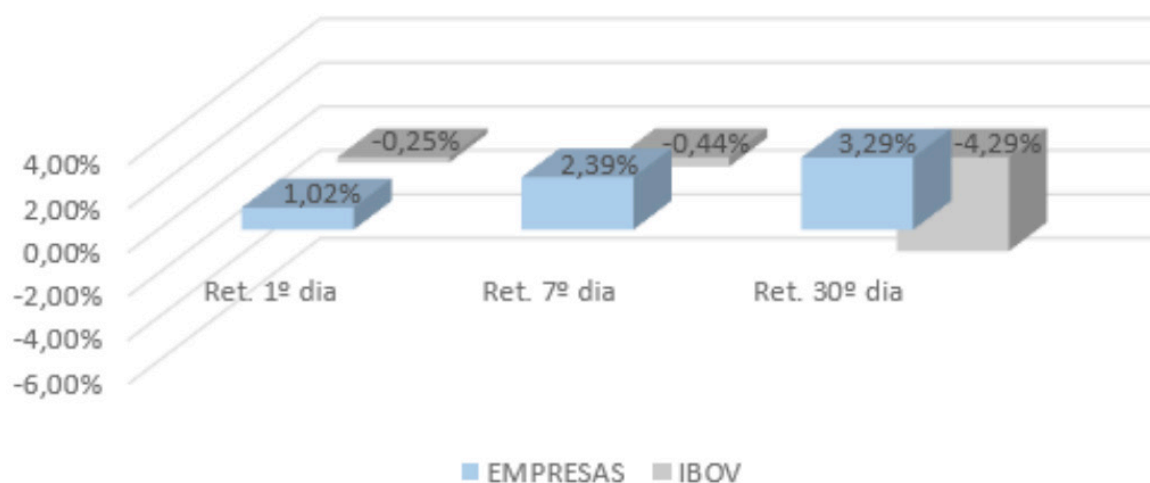


Figura 1 – Retorno médio das ações e do Ibovespa no 1º, 7º e 30º dia de negociação.

Fonte: Resultado da Pesquisa.

Pelos dados apresentados na tabela 1, constata-se que a média dos retornos das ações no seu primeiro dia de negociação foi de 1,02%, em comparação, o índice Ibovespa apresentou retorno médio de -0,25% para o mesmo período. Para o 7º dia de negociação identifica-se 2,39% de retorno das ações, comparado a -0,44% do Ibovespa. No 30º de negociação, as ações obtiveram retorno médio de 3,29%, em face apenas -4,29% do Ibovespa. Assim, a hipótese H_0 é rejeitada e se confirma o retorno maior do que zero no 1º, 7º e 30º de negociação das ações. Este resultado apoia a existência de um deságio no preço de emissão de ações, o fenômeno *underpricing*.

RETORNOS TOTAIS						
	RETORNO DAS EMPRESAS			RETORNO DO IBOVESPA		
	Ret. 1º dia	Ret. 7º dia	Ret. 30º dia	Ret. 1º dia	Ret. 7º dia	Ret. 30º dia
MÉDIA:	1,02%	2,39%	3,29%	-0,25%	-0,44%	-4,29%

Tabela 1 – Retorno médio das ações e do Ibovespa no 1º, 7º e 30º dia de negociação.

Fonte: Resultado da Pesquisa

Embora a média dos retornos das empresas no seu primeiro dia de negociação seja relativamente baixa, é possível identificar retornos altamente positivos no primeiro dia de negociação. Como é o caso da BRIN3, LINX3, QUAL3, WIZ3 e ARZZ3 que obtiveram, respectivamente, retorno de 27,41%, 18,52%, 15,77%, 12,73% e 11,84%, no primeiro dia de negociação. A tabela 2 contém os retornos do 1º, 7º e 30º de negociação de cada ação, assim como o retorno do mercado para o período em questão.

RETORNOS TOTAIS							
		RETORNO DAS EMPRESAS			RETORNO DO IBOVESPA		
DATA IPO	EMPRESA	Ret. 1º dia	Ret. 7º dia	Ret. 30º dia	Ret. 1º dia	Ret. 7º dia	Ret. 30º dia
29-01-10	ALSC3	-2,56%	-0,56%	11,67%	-0,28%	-3,71%	5,24%
05-02-10	MPLU3	-0,94%	9,38%	15,62%	-1,83%	5,24%	7,99%
08-03-10	BRPR3	-2,23%	-0,15%	-1,69%	-0,40%	1,59%	-0,03%
22-03-10	OSXB3	-12,50%	-11,50%	-28,63%	0,31%	1,64%	3,58%
01-04-10	ECOR3	0,00%	0,53%	-2,11%	1,09%	0,35%	-9,89%
16-04-10	MIL3	1,22%	-1,13%	-1,74%	-1,56%	-5,69%	-12,16%
22-04-10	JSLG3	0,00%	4,13%	-1,87%	0,10%	-2,58%	-9,20%
13-07-10	RNEW11	0,00%	-6,67%	-3,33%	1,15%	2,41%	4,80%
25-10-10	PRI03	-2,75%	-0,42%	35,42%	0,07%	3,42%	0,03%
01-11-10	BRIN3	27,41%	22,22%	27,93%	1,26%	1,37%	-2,73%
20-12-10	RAIA3	8,75%	4,38%	9,38%	-1,06%	0,09%	-0,20%
02-02-11	ARZZ3	11,84%	5,26%	21,58%	-1,71%	-4,82%	-2,41%
03-02-11	SSBR3	-1,55%	0,90%	15,00%	0,11%	-1,40%	0,29%
07-02-11	AUTM3	-5,36%	0,00%	17,86%	0,14%	1,64%	3,54%
09-02-11	QGEP3	-4,74%	2,63%	19,16%	-2,36%	2,91%	2,68%
09-03-11	MEAL3	0,07%	3,63%	12,68%	-1,82%	-0,57%	-0,30%
13-04-11	SHOW3	0,00%	-4,06%	-10,00%	-0,61%	0,11%	-4,18%
02-05-11	MGLU3	2,81%	3,69%	7,19%	-1,01%	-1,90%	-5,19%
27-06-11	BPHA3	-4,93%	-2,61%	-26,38%	0,33%	3,31%	-13,22%
29-06-11	QUAL3	15,77%	14,15%	6,92%	0,05%	-0,15%	-17,90%
01-07-11	TECN3	6,18%	5,70%	-7,58%	1,59%	-3,49%	-14,52%
26-07-11	ABRE11	-7,50%	-10,00%	-15,05%	-1,05%	-6,59%	-8,29%
23-04-12	LCAM3	-5,56%	1,78%	-26,44%	-1,53%	-0,11%	-14,53%
26-04-12	BBTG11	0,64%	-2,40%	-18,08%	0,73%	-0,86%	-11,86%
27-04-12	UCAS3	9,71%	14,29%	16,71%	-0,82%	-2,95%	-13,18%
08-02-13	LINX3	18,52%	14,81%	19,63%	0,21%	-3,76%	-5,99%
08-03-13	SNSL3	-3,74%	-0,87%	0,70%	-0,70%	-3,18%	-6,12%

19-04-13	BSEV3	-14,33%	-13,33%	-8,47%	1,44%	3,24%	1,47%
24-04-13	ALUP11	-5,41%	-0,81%	0,00%	0,18%	1,10%	-3,64%
29-04-13	BBSE3	-2,35%	2,94%	2,71%	1,17%	2,86%	-8,26%
29-04-13	SMLE3	5,99%	11,29%	14,24%	1,17%	2,86%	-8,26%
19-07-13	CPRE3	-3,92%	-6,08%	-4,24%	-0,54%	3,27%	8,77%
28-10-13	ANIM3	3,84%	16,22%	9,73%	1,70%	-0,60%	-5,84%
29-10-13	SEER3	-1,83%	10,57%	21,14%	-0,97%	-3,07%	-9,09%
09-12-13	CVCB3	-3,12%	-5,31%	-7,06%	0,43%	-1,68%	0,81%
21-10-14	OFSA3	2,41%	2,22%	11,48%	-3,44%	-5,99%	-4,95%
05-06-15	WIZS3	12,73%	18,73%	15,98%	-1,03%	-0,72%	-2,21%
28-10-16	AALR3	-4,00%	-12,55%	-25,00%	0,09%	-0,14%	-7,89%

Tabela 2 – Retornos do 1º, 7º e 30º dia de negociação das ações. Retornos do Ibovespa no dia correspondente.

Fonte: Economática e Bloomberg. Resultado da Pesquisa.

Assim como os estudos citados no referencial teórico, o presente trabalho conclui a existência do fenômeno do *underpricing*, no entanto, as teorias mencionadas, que buscam a razão para o fenômeno, não podem ser aplicadas ao presente trabalho por falta de evidências.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo identificar a ocorrência do fenômeno do *underpricing* nas Ofertas Públicas Iniciais efetuadas no Brasil de 2010 a 2016. Os dados foram coletados da base de dados Economática e Bloomberg, referentes às 38 empresas que abriram seu capital no período. A pesquisa baseou-se em comparar o retorno médio das ações, em seu 1º, 7º e 30º dia de negociação, com o retorno médio do mercado, referente à data de negociação das ações.

Após a análise do retorno médio das ações no primeiro dia de negociação, 1,02%, comparado à média do retorno do índice Ibovespa, -0,25%, pode-se afirmar a existência do *underpricing* nos IPO's realizados na data estudada. Aceita-se a hipótese H_1 para a evidência de *underpricing* no 1º, 7º e 30º de negociação das ações em questão. Desta forma, os objetivos do presente trabalho foram atingidos.

O desenvolvimento do mercado de capitais é de extrema importância para o avanço econômico de um país. No Brasil, há muitos temas a serem estudados que possam contribuir para o crescimento do mercado de capitais.

Para o desenvolvimento de novas pesquisas acerca do fenômeno do *underpricing*, sugere-se que seja analisado um período maior, obtendo assim, uma quantidade maior de empresas, para períodos de negociação maiores, verificando também o retorno a longo prazo das ações.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Franklin; FAULHABER, Gerald R. Signalling by underpricing in the IPO market. **Journal of financial Economics**, v. 23, n. 2, p. 303-323, 1989.
- BARON, David P. A model of the demand for investment banking advising and distribution services for new issues. **The Journal of Finance**, v. 37, n. 4, p. 955-976, 1982.
- BEATTY, Randolph P.; RITTER, Jay R. Investment banking, reputation, and the underpricing of initial public offerings. **Journal of financial economics**, v. 15, n. 1-2, p. 213-232, 1986.
- BOLSA, DE VALORES. MERCADORIAS E FUTUROS DE SÃO PAULO. **Como abrir o capital da sua empresa no Brasil (IPO)**. São Paulo, Atlas, 2011.
- BOUIS, R., The short term timing of initial public offerings, **Journal of Corporate Finance**, Vol.15, 587-601, 2009.
- BRENNAN, Michael J.; FRANKS, Julian. Underpricing, ownership and control in initial public offerings of equity securities in the UK. **Journal of Financial Economics**, v. 45, n. 3, p. 391-413, 1997.
- CASAGRANDE NETO, Humberto; SOUZA, Lucy A.; ROSSI, Maria Cecília. **Abertura do capital de empresas no Brasil: um enfoque prático**. São Paulo: Atlas, 2000.
- DA SILVA, José Milton Almeida; FAMÁ, Rubens. Evidências de retornos anormais nos processos de IPO na Bovespa no período de 2004 a 2007: um estudo de evento. **Revista de Administração**, v. 46, n. 2, p. 178-190, 2011.
- GRINBLATT, Mark; HWANG, Chuan Yang. Signalling and the pricing of new issues. **The Journal of Finance**, v. 44, n. 2, p. 393-420, 1989.
- IBBOTSON, Roger G. Price performance of common stock new issues. **Journal of financial economics**, v. 2, n. 3, p. 235-272, 1975.
- LEAL, Ricardo Pereira Câmara; SAITO, Richard. **Finanças corporativas no Brasil**. RAE eletrônica, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2003.
- LJUNGQVIST, Alexander. IPO underpricing. **Handbook of corporate finance: Empirical corporate finance**, v. 1, p. 375-422, 2007.
- LOGUE, Dennis E. On the pricing of unseasoned equity issues: 1965-1969. **Journal of Financial and Quantitative Analysis**, v. 8, n. 1, p. 91-103, 1973.
- LUCAS, Deborah J.; MCDONALD, Robert L. Equity issues and stock price dynamics. **The Journal of Finance**, v. 45, n. 4, p. 1019-1043, 1990.
- MARTELANC, Roy; PASIN, Rodrigo; CAVALCANTE, Francisco. **Avaliação de empresas: um guia para fusões e aquisições e gestão de valor**. Pearson Prentice Hall, 2005.
- MINARDI, Andrea; MOITA, Rodrigo; PLANTIER, Rafael. **IPOs e a Maldição do Vencedor: teste da influência do aquecimento do bookbuilding no retorno de longo prazo de ofertas públicas brasileiras de 2004 a 2009**. Insper Working Paper, Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, 2011.
- NETO, Assaf. **Mercado Financeiro**. São Paulo: Atlas, 2015.
- PAGANO, Marco; PANETTA, Fabio; ZINGALES, Luigi. Why do companies go public? An empirical analysis. **The Journal of Finance**, v. 53, n. 1, p. 27-64, 1998.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RITTER, Jay R. The "hot issue" market of 1980. **Journal of Business**, p. 215-240, 1984.

ROCK, Kevin. Why new issues are underpriced. **Journal of financial economics**, v. 15, n. 1-2, p. 187-212, 1986.

SANTOS, Tharcísio Bierrenbach de Souza. **Desenvolvimento financeiro e crescimento econômico: A modernização do Sistema Financeiro Brasileiro**. 2005. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SCHULTZ, P., Pseudo market timing and the long-run underperformance of IPOs, **Journal of Finance**, Vol.68, 483-517, 2003.

STOLL, Hans R.; CURLEY, Anthony J. Small business and the new issues market for equities. **Journal of financial and quantitative analysis**, v. 5, n. 3, p. 309-322, 1970.

STOUGHTON, Neal M.; ZECHNER, Josef. IPO-mechanisms, monitoring and ownership structure. **Journal of Financial Economics**, v. 49, n. 1, p. 45-77, 1998.

WELCH, Ivo. Seasoned offerings, imitation costs, and the underpricing of initial public offerings. **The Journal of Finance**, v. 44, n. 2, p. 421-449, 1989.

ZINGALES, Luigi. Insider ownership and the decision to go public. **The review of economic studies**, v. 62, n. 3, p. 425-448, 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 46, 51, 52, 53, 62, 73, 75, 76, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 180, 181, 183, 184, 186, 214

Agenda 2030 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147

Algoritmos 89, 90, 91, 92, 93, 94

Apple 188, 190, 192, 193, 194, 198, 199, 200

Arquitetura 40, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 60, 62, 68, 135, 213, 214, 216, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Arte 31, 40, 41, 46, 49, 50, 51, 53, 54, 168, 205, 206, 207, 208, 212

B

Biblioteca pública 142, 202, 203, 205, 209, 210, 211

Bibliotecas 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 91, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 180, 182, 183, 186, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 212

Biblioteconomia 89, 147, 179, 181, 186, 212

Big data 89, 90, 97, 104

BIM 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 228

Braille 74, 75, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 181, 184

C

Casas inteligentes 58, 60, 61, 67, 68

Comunicação 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 53, 61, 89, 109, 117, 130, 136, 155, 156, 181, 191, 192, 217

Conservação 134

Consumo 24, 60, 63, 65, 79, 97, 181, 188, 189, 190, 192, 193, 199, 200

Controladoria 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

Coparticipação 42, 43, 45

Crime organizado 18, 26

D

Deficiência visual 74, 75, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 145, 147, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Design de ambientes 58, 65, 67, 216

Direito 1, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 22, 23, 25, 46, 51, 90, 101, 102, 103, 104, 142, 163, 203, 207

Dosvox 74, 76, 136, 137, 138

F

Facções 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26

Falência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14

G

Gestão 28, 30, 33, 61, 63, 69, 70, 71, 72, 76, 87, 89, 90, 91, 93, 109, 110, 112, 114, 118, 119, 121, 125, 131, 135, 151, 158, 159, 177, 179, 181, 191, 215, 228

Gestão da informação 89, 90

I

IFAM 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146

Inteligência competitiva 106, 108, 109, 116, 117, 119, 120

IPO 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88

J

Julgamento 3, 4, 11, 91, 100, 110, 207

L

Leitura 51, 54, 75, 126, 130, 131, 139, 144, 145, 157, 181, 183, 184, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

Logística reversa 188, 189, 190, 193, 197, 198, 199, 200, 201

M

Mercado de capitais 77, 78, 79, 86

Mineração de patentes 160, 162, 176

P

Patentes 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179

Patrimônio 11, 80, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135

Pessoas com deficiência 53, 73, 95, 96, 99, 101, 102, 103, 104, 136, 141, 142, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

Planejamento urbano 124, 126, 131

Pobreza 6, 141, 202, 203, 204, 205, 209, 211

Políticas públicas 95, 96, 100, 160, 203, 205

S

Saúde 7, 28, 30, 90, 102, 155, 156, 203, 204

Sistema prisional 21, 26

Sistemas de informação 111, 115

Softwares 36, 66, 69, 145, 148, 155, 167, 172, 221, 222

T

Tecnologia assistiva 74, 76, 136, 137, 138, 181, 183, 187

U

Underpricing 77, 78, 79, 81, 82, 84, 86, 87, 88

 **Atena**
Editora

2 0 2 0